

Ambiguidades nas Representações de Gênero de Personagens da Série *Cavaleiros do Zodíaco*¹

Anelise FRUETT²

Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA³
Universidade Luterana do Brasil, Canoas/RS

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise das representações de gênero de três personagens da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*: Afrodite de Peixes, Misty de Lagarto e Shun de Andrômeda. A obra televisiva convida a uma reflexão acerca dos traços comumente associados aos gêneros em função das características ambíguas destes personagens, cujos corpos e personalidades deslizam entre o que se convencionou considerar como características femininas e masculinas. A pesquisa toma como referencial teórico autores dos Estudos Culturais e dos Estudos de gênero, com o objetivo de analisar os personagens a partir de duas categorias: caracterização visual e do corpo e traços de personalidade. O anime sugere um tipo de masculinidade em que, para vencer, é necessário mais do que ousadia e força física, mas uma complexa rede subjetiva de valores que inclui inclusive qualidades consideradas femininas.

Palavras-chave: Estudos de gênero; Identidade de gênero; Estudos Culturais; Representação; *Cavaleiros do Zodíaco*

1. INTRODUÇÃO

A cultura japonesa no mundo ocidental se popularizou nas últimas três décadas, com a ampliação da oferta de produtos que vão da culinária, artes marciais, músicas, histórias em quadrinhos até os desenhos animados. Com a proliferação das redes sociais, de plataformas como o *youtube* e de eventos de exposição de *cosplayers*⁴, a disseminação de modelos, conceitos e filosofias japonesas se propagou, promovendo identificações e se tornando objeto de consumo também no Brasil.

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Mestranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela mesma instituição. E-mail: anelisefmachado@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), nas habilitações em Jornalismo e Produção Audiovisual, e orientadora do trabalho. E-mail: gabriela.mralmeida@gmail.com.

⁴ Abreviação de *costume play*, que define o ato de vestir-se a caráter como um personagem.

Um dos pontos altos na difusão das referências japonesas para as crianças e adolescentes brasileiros foi a exibição, a partir de 1994, da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*. O anime⁵ permaneceu no ar até 1997, com altos índices de audiência na extinta Rede Manchete. A animação aqueceu o mercado infanto-juvenil no país: com média de oito pontos e picos de 15 no Ibope, chegou a superar a Globo e vendeu mais de 800 mil bonecos e 500 mil CDs⁶.

Para além da sua popularidade, *Cavaleiros do Zodíaco* é um produto da cultura massiva que nos estimula a pensar a questão da identidade de gênero de forma complexificada, em função de características ambíguas de alguns dos seus personagens. A série constrói o seu universo diegético a partir de referências mitológicas e astrológicas; refere-se a deuses do Olimpo, como Atena, Poseidon e Hades e às constelações zodiacais que são representadas nas armaduras dos cavaleiros.

A aventura narra a história de cavaleiros de bronze que têm como missão proteger a humanidade de ameaças malignas, em disputa com outros cavaleiros que são seus antagonistas. Entre eles estão alguns dos personagens que serão analisados no trabalho, como Shun de Andrômeda, um herói pacífico, de feições feminilizadas e voz delicada; além de Afrodite de Peixes e Misty de Lagarto, que, apesar de terem papéis secundários na narrativa, também são personagens que contribuem para a pesquisa, devido às suas características físicas e psicológicas dúbias.

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo identificar aspectos da representação de gênero nestes três personagens, a partir de duas categorias: caracterização visual e do corpo e traços de personalidade. A pesquisa tem como horizonte teórico os Estudos Culturais e os Estudos de gênero, buscando estabelecer conexões entre as contribuições de Stuart Hall sobre identidade e representação e os escritos de Judith Butler e Guacira Louro sobre gênero. A abordagem será realizada através de uma pesquisa qualitativa de caráter analítico-interpretativo, tendo como referência a análise da imagem proposta por Martine Joly (1994)⁷. Os dados foram colhidos na versão adaptada e dublada da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* que se encontra disponível no *youtube*⁸.

⁵ Expressão originada do estrangeirismo *animation* e utilizada para denominar séries de desenho animado japonesas.

⁶ Fonte: Edição 1366 da Revista *VEJA*, 16 de novembro de 1994. Disponível em: <https://www.cavzodiaco.com.br/revista_veja>. Acesso em 02/09/2015.

⁷ É importante ressaltar que o presente artigo tem como referência o olhar ocidental da pesquisadora sobre um produto da cultura popular oriental. Portanto, busca-se neste estudo compreender aspectos do orientalismo (SAID, 1996), tendo em vista que a *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* é uma produção japonesa que explora imagens mentais ocidentais, oriundas da mitologia grega e da astrologia.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=365H_42fso8>. Acesso em: 01/09/2015.

2. IDENTIDADE E GÊNERO: COMPLEXIDADES HUMANAS

Esta seção é composta por dois temas que se inter-relacionam para fornecer subsídios teóricos à análise posterior dos personagens Afrodite de Peixes, Misty de Lagarto e Shun de Andrômeda. Serão discutidas aqui as questões de identidade e gênero que nortearão a posterior análise de *Cavaleiros do Zodíaco*. Neste primeiro momento, aborda-se de forma teórica os conceitos mencionados, buscando ensaiar uma relação com o universo empírico da pesquisa.

As discussões apresentadas têm como objetivo trabalhar as perspectivas de identidade e gênero como conceitos que estão em construção. Partimos de Hall, que toma como um traço básico das identidades o seu caráter instável. Aquilo que em um determinado momento pode apresentar-se como um elemento significativo para a identificação de sujeitos poderá modificar-se conforme o passar do tempo por inúmeras vezes. Como Hall (1992) define, a identidade torna-se uma “celebração móvel”, que se transforma continuamente com relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos cercam, o que nos leva a refletir sobre a relevância do contexto histórico, social e cultural para a compreensão da identidade de um indivíduo. Segundo o autor:

Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 1992, p. 9)

A noção de que era possível controlar e estabilizar as identidades com modelos sociais vem sendo cada vez mais desmistificada com o crescente número de estudos sobre identidade de gênero, sexualidade e etnia. O “descontrole” ou descentralização pode ser observado como um processo que fortalece a miscigenação cultural. As trocas de significados, representações, filosofias entre sociedades historicamente distintas auxiliam nesta mudança estrutural.

Lidar com os constantes estímulos à diversidade em muitos momentos torna-se desafiador. A sensação de que o pertencimento a um grupo depende da sua adaptação a uma

lógica que restringe para incluir interfere diretamente na escolha do filtro subjetivo que forma a identidade do indivíduo. Neste cenário, a moderação torna-se em muitos momentos um mecanismo de autocensura e repreensão, pela ideia de que as identificações escolhidas possam não estar de acordo com o sistema ao qual se deseja pertencer.

O sujeito “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 1992, p. 12) vem sendo observado sob diferentes óticas a fim de se compreender de forma mais aprofundada as problemáticas sociais contemporâneas. A diversidade de gêneros e principalmente a colisão entre identificações opostas são cenários descritos por Hall como período de crise de identidade (HALL, 1992). A noção de que na contemporaneidade vivemos um conflito interno de ideais passa tanto pelas questões do anseio (ou ansiedades) causados pela instabilidade das práticas sociais, quanto pelas quebras das tradições (convenções) culturais.

Os questionamentos acerca dos gêneros em muitos momentos se revelam complementares aos estudos das identidades. Partimos da visão de que o gênero é uma construção cultural, não sendo, portanto, um conceito que se fixe ao sexo biológico (BUTLER, 2015). A concepção de sexo binário (masculino e feminino) que estabilizava os sujeitos vem sendo questionada sob diversas perspectivas que encontram, em sua maioria, referências nos estudos sobre feminismo.

O determinismo social ou “compulsão cultural” (BUTLER, 2015) fundamentou na humanidade por séculos a certeza de que, ao nascermos com a anatomia de uma mulher, obrigatoriamente teríamos que corresponder ao comportamento genérico feminino. O diferente tornava-se objeto de preconceito e exclusão social, como se não houvesse alternativa a não ser seguir o modelo já experimentado socialmente.

Na perspectiva de Louro (1997, p. 23), os gêneros se constroem no âmbito das relações sociais: “Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”.

Tanto a identidade quanto o gênero carregam consigo o traço da inconstância. São propriedades deslizantes, subjetivas, carregadas de referências históricas e culturais (LOURO, 2015), que se adaptam constantemente ao meio em que se inserem. Os sujeitos são ensinados historicamente a sentir medo de todas as incertezas e buscar como sinônimo de felicidade a estabilidade (social, psicológica e financeira). Por isso, encaram com anseio

estruturas insolentes e imprevisíveis, por desconhecimento de sua força, pelo poder de se reconstruir inúmeras vezes e de não saber como desconstruí-las (ou destruí-las).

3. UM OLHAR AO UNIVERSO DE *CAVALEIROS DO ZODÍACO*

Masami Kurumada é o detentor da marca *Cavaleiros do Zodíaco*, responsável pela criação dos primeiros roteiros e desenhos. Segundo informações do site oficial de Kurumada⁹, o primeiro mangá¹⁰ da *Obra Original*¹¹ foi publicado no Japão em janeiro de 1985. A *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* é composta por 114 episódios, divididos em três temporadas: *Saga do Santuário* (73 episódios), *Saga de Asgard* (25 episódios) e *Saga de Poseidon* (39 episódios). A saga¹² *Cavaleiros do Zodíaco* é um produto japonês que mistura aspectos da cultura oriental com a cultura ocidental. As motivações dos personagens envolvem valores da cultura oriental, como honra e bravura. Entretanto, há uma mistura entre elementos simbólicos presentes na cultura ocidental, os quais são expressos através das feições e ambiguidades dos personagens. Em entrevista¹³, Masami Kurumada comenta sobre a origem da sua obra:

Todas as historias que faço são de luta. Essa essência não se altera nos mundos que crio. A única diferença está no tempero, no algo mais. Então, em vez dos personagens se transformarem como os super-heróis da TV, pensei neles vestindo armaduras. As armaduras precisavam ser bonitas, e aproveitar a Mitologia Grega e a Astrologia dava mais força à idéia. Portanto, peguei uma boa historia de luta, adicionei um elemento mais *fashion* – que são as armaduras – e como base para os desenhos delas, adotei as constelações. O legal disso é que também seria possível identificar o signo como a caracterização dos personagens e fui desenvolvendo as idéias dessa maneira. (2002)

⁹ Disponível em: <kurumadapro.com> Acesso em: 11 de novembro de 2015.

¹⁰ Histórias em quadrinhos de origem japonesa que possuem diversos gêneros. *Cavaleiros do Zodíaco* pertence ao gênero *Shonen*, que são narrativas com o público-alvo masculino. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/esteticamanga.pdf>

¹¹ A *Obra Original* é composta pela *Saga do Santuário*, *Saga de Poseidon* e *Saga de Hades*.

¹² Segundo Eco, “a saga é uma sucessão de eventos, aparentemente sempre novos, que se ligam, ao contrário da série, ao processo histórico de um personagem, ou melhor, a uma genealogia de personagens. Na saga os personagens envelhecem, a saga é uma história de envelhecimento (de indivíduos, famílias, povos, grupos)” (1989, p. 125).

¹³ Entrevista publicada na Revista Henshin, Editora JBC, Ano 2002, páginas 14 a 21. Disponível em: <<https://covildoorc.wordpress.com/2010/02/03/entrevista-com-masami-kurumada>> Acesso em: 07 de novembro de 2015.

A narrativa de aventura apresenta como personagem protagonista o Cavaleiro de Pégasus, Seiya¹⁴. A situação dramática em que se inicia o primeiro episódio da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* apresenta os guerreiros como lendas, heróis míticos que despertariam para proteger a humanidade de forças malignas. O universo diegético é construído na Terra, em diferentes países, com referências claras à Grécia.

Nesta seção, que apresenta uma análise destes três personagens, serão observados alguns episódios em que cada um dos três cavaleiros se destaca, levando em consideração que Shun de Andrômeda possui maior atuação na narrativa que os demais e, por este motivo, terá maior espaço. A análise se baseia na proposta metodológica elaborada por Martine Joly (1994), que sugere, num primeiro momento, uma descrição capaz de traduzir a percepção visual em linguagem verbal; num segundo momento, a reprodução do texto que acompanha a imagem e, num terceiro momento, a separação e análise de três tipos de mensagens possíveis: plástica (elementos visuais que compõem a imagem, como ângulo, composição, suporte, formas, cores), icônica (figurativa, a partir das quais surgem conotações decorrentes de interpretações baseadas em significados culturais pré-estabelecidos) e linguística, que visa inferir as funções do texto na mensagem.

3.1. UM MARAVILHOSO GUERREIRO, AFRODITE

O personagem Afrodite de Peixes é um herói que em seu próprio nome já confronta a leitura convencional de representação do masculino. Na mitologia grega, a deusa Afrodite simboliza o amor, a beleza corporal e o sexo. A analogia instiga-nos a pensar sobre o significado deste subtexto, já que em *Cavaleiros do Zodíaco* o personagem é um homem.

Na série, Afrodite tem aproximadamente 22 anos, nacionalidade sueca, mais de um metro e oitenta de altura, cabelos longos azuis, corpo atlético e feições que em determinados enquadramentos ressaltam delicadeza em seus traços. Em um primeiro olhar, Afrodite é um personagem enigmático e que facilmente pode ser alvo de rotulações superficiais, que priorizem o entendimento de que há uma atuação fixa de papéis masculinos e femininos.

Sua caracterização corporal é composta pela armadura de ouro da constelação zodiacal de peixes, e o desenho da sua vestimenta remete à imagem de escamas. Sua forma de ataque é o lançamento de três tipos de rosas mágicas: Rosa Diabólica Real - rosas

¹⁴ O nome original do anime *Saint Seiya* é inspirado no personagem. Na tradução para o Brasil, o desenho recebeu o nome de *Cavaleiros do Zodíaco*.

vermelhas que liberam uma fragrância letal; Rosa Sangrenta - rosas brancas que perfuram o coração do adversário e sugam seu sangue; Rosa Piranha - rosas pretas que têm o poder de desintegrar o adversário.

A partir de seus golpes, pode-se observar que Afrodite é um personagem sedutor e violento, com traços de uma personalidade forte, porém oscilante. No episódio 68 (*Um maravilhoso Guerreiro Afrodite*), Seiya e Shun vão à Casa de Peixes para enfrentar Afrodite, que lutaria contra os guerreiros para defender o falso Mestre do Santuário. Na cena, Afrodite é descrito da seguinte forma:

Mestre (Saga): O cavaleiro de ouro que defende a última das doze Casas, a Casa de Peixes, é o cavaleiro mais formoso dos 88 combatentes. É um guerreiro de muito brilho e muito orgulho entre o céu e a terra... Qualquer um esperaria que ele não fosse tão forte por causa de sua beleza, mas ao contrário, ele é o cavaleiro mais temível.



Figura 1: Detalhes da cena em que Afrodite aparece na Casa de Peixes para lutar contra Seiya e Shun. (Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)

Há um conjunto de códigos que compõem a cena acima: a rosa, os cílios e a boca em destaque (com a sugestão de que há uma maquiagem, um batom cor-de-rosa); o movimento esvoaçante dos cabelos; as flores ao fundo do cenário e os enquadramentos que favorecem uma sensualidade no personagem. Cada elemento carrega consigo um significado: a rosa é um aspecto que, na série, está diretamente relacionado a traços da personalidade de Afrodite (beleza e temeridade – afinal, a rosa é a sua arma). A flor possui pétalas delicadas e espinhos em seu caule, que simbolizam uma dualidade, assim como o personagem, que apresenta uma imagem delicada e sensual, mas que por trás tem uma personalidade fria e violenta.

Num primeiro olhar, o público poderá interpretar Afrodite como um personagem que confronta o modelo tradicional de masculinidade, por guardar feições femininas e não manifestar sexualidade definida. É importante ressaltar, no entanto, que a *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco* não informa explicitamente a sexualidade e a orientação do desejo dos personagens.

3.2. MISTY DE LAGARTO: UM ANJO DA MORTE

Misty de Lagarto é um personagem de pouca aparição na *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*. Contudo, protagoniza uma das cenas mais polêmicas do anime. Na narrativa, o personagem tem aproximadamente 16 anos, nacionalidade francesa, um metro e oitenta de altura, cabelos loiros compridos, olhos azuis e corpo magro com silhueta marcada. Sua armadura de prata tem pontas que lembram as escamas de um lagarto e pedras preciosas na tiara e no cinto. Misty usa por baixo da armadura uma roupa rosa, e por cima uma capa com um lado externo rosa e o interno vermelho.

Seu poder envolve criar uma barreira de ar que possa defendê-lo de seus adversários, mantendo-os bem longe de si. Tem traços de personalidade vaidosa e maníaca: preocupa-se excessivamente com a preservação de seu corpo, ficando temperamental quando se sente sujo. No episódio 23 (*Misty de Lagarto - Um anjo da morte*), após lutar contra Seiya, Misty banha-se no oceano, enojado com um respingo de sangue que atingiu seu corpo. Ele diz, na cena:

Misty: Maldição, este sangue... Estou imundo, vou me lavar no oceano. Quando meu corpo está sujo a minha alma também está.

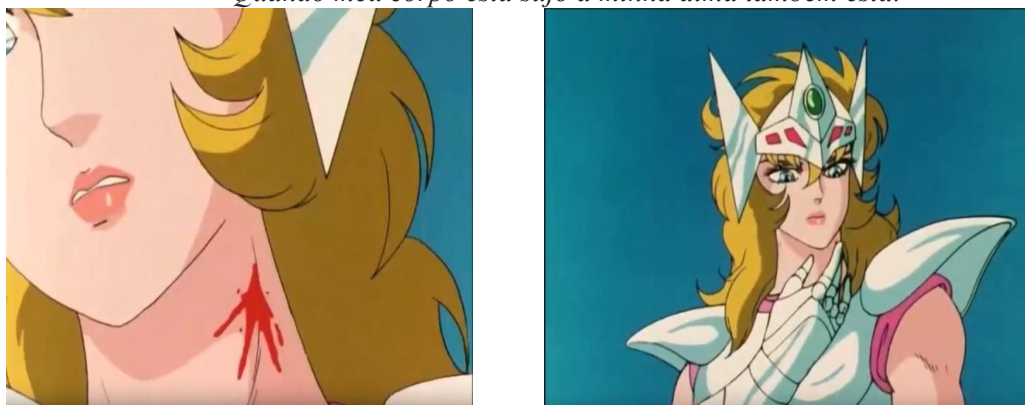


Figura 2: Cena em que o sangue de Seiya atinge Misty após uma luta.
 (Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)

Um dos códigos que se evidenciam na cena é a cor rosa, tanto em sua pele quanto em detalhes de sua roupa. Este elemento marcante da caracterização do personagem é um dado extremamente codificado na cultura ocidental: desde o nosso nascimento, somos induzidos à noção de que o rosa representa o sexo biológico feminino, assim como o azul o masculino. O olhar e os lábios do personagem também se destacam, assim como no personagem Afrodite. No entanto, suas expressões são diferentes: Misty é um personagem vaidoso, obcecado por sua própria imagem, egocêntrico, narcisista. Seu olhar é para si. À cena da figura 2 segue-se a seguinte fala do personagem, que reforça a ideia apresentada:

Misty: Meu deus todo poderoso, como eu sou bonito, como eu sou forte, mais do que qualquer outra coisa na Terra... A lua, as estrelas, o sol brilhante são insignificantes diante de mim. Nada é mais bonito do que eu...



Figura 3: Cena em que Misty de Lagarto banha-se em mar após se sujar de sangue em luta contra Seiya. (Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)

Na cena, Misty fica nu e sua região genital aparece indefinida na imagem, entre sombras e reflexos que revelam o seu corpo de forma poética, sutil e não explícita. A imagem é bastante erotizada, sensual, entretanto sua genitália nunca é mostrada, ainda que ele esteja nu, sugerindo uma tensão. O movimento de sua mão ao alisar o cabelo, a silhueta acinturada, o destaque da musculatura do seu busto, a pose de seu corpo e a própria luz do sol que ajuda a encobrir seu sexo são códigos que favorecem uma interpretação ambígua da cena. O olhar que se volta à imagem automaticamente procura códigos que o definam como sendo uma coisa ou outra, masculino ou feminino, mas encontra signos tanto de um quanto de outro.

3.3. SHUN, O COELHO QUE SE ATIRA NO FOGO

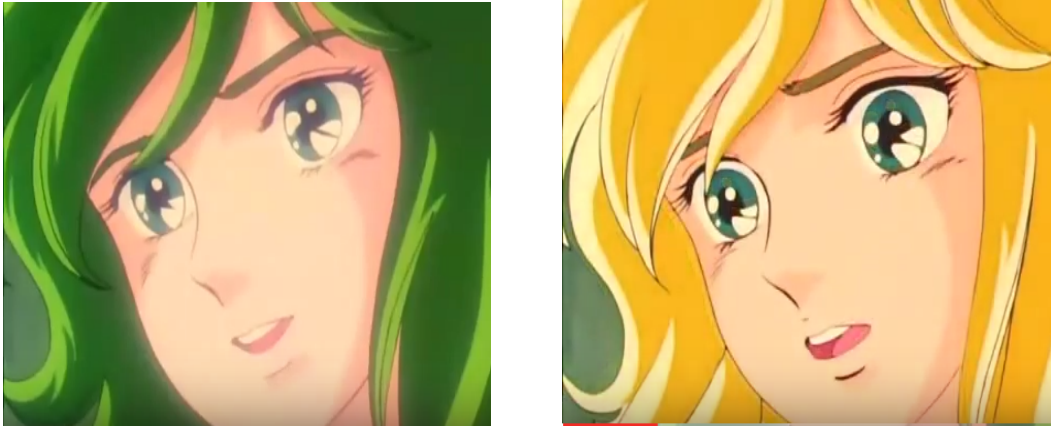
Na narrativa, Shun de Andrômeda é um menino de 13 anos, nacionalidade japonesa, um metro e sessenta e cinco de altura, cabelos compridos verdes, olhos castanhos e corpo esguio. Em um momento inicial da narrativa vemos Shun passando por um teste de resistência, permanecendo acorrentado e resistindo até o fim, para ser digno de receber a armadura de Andrômeda. As armaduras têm origem mitológica, e a de Shun refere-se ao mito da princesa Andrômeda, que se sacrificou para acalmar a fúria do Deus Poseidon¹⁵. No enredo, Shun é um guerreiro que carrega um emblema, o subtexto de seguir o destino de sua constelação, que é sacrificar-se pelo bem dos demais.

A princesa Andrômeda, que representa a constelação da armadura de bronze do personagem Shun de Andrômeda, é uma referência mitológica. Na adaptação, sua imagem favoreceu a cor rosa em sua caracterização e corpo. O tom de rosa claro, delicado, relaciona-se com a ideia de qualidades como sensibilidade e passividade, que podem ser deduzidas através da versão do mito que é apresentada na série: a princesa aceita com abnegação o legado de ter que sacrificar-se pela paz em seu reino. Na série, Shun está destinado ao mesmo legado que a princesa. Seu lado emocional se sobressai em relação ao seu lado racional: o personagem se expõe diversas vezes à morte, por acreditar que há bondade em seu inimigo, preferindo morrer à feri-lo.

Shun envolve o espectador com sua personalidade, em muitos momentos antagônica à dos demais cavaleiros. Como a sua armadura homenageia a princesa Andrômeda, a caracterização de Shun se dá por meio de uma armadura cor de rosa, com o formato de seios no peitoral. Suas feições são dúbias, e em muitos episódios confundidas com as de uma mulher. No episódio 15 (*O Segredo de Fenix*) o irmão de Shun, Ikki, tem uma miragem e vê na namorada, Esmeralda, a imagem do irmão:

¹⁵Segundo a Mitologia Grega, a fúria do Deus Poseidon foi desencadeada após a Rainha Cassiopéia (mãe da princesa Andrômeda) ter comparado a beleza da filha à beleza das Nereidas (filhas do deus Poseidon). No mito, quando a princesa estava quase morrendo ela foi salva pelo semideus Perseu e assim Zeus homenageou-a pelo seu ato de bravura e deu seu nome à constelação de Andrômeda.

Figura 5: Cena em que Ikki confunde a sua namorada, Esmeralda, com seu irmão mais novo, Shun.
(Impressão de tela da *Série Clássica Cavaleiros do Zodíaco*)



Ikki: Shun...? Ah, é você. Esmeralda?

Esmeralda: Sim, você está bem, Ikki? Você me confundiu de novo com o seu irmão, não foi isso?

Ikki: Sim, exceto pela cor do seu cabelo e pelo fato de que é uma mulher, vocês dois são exatamente iguais.

Como se pode observar, há uma intenção clara do autor em apontar uma ambiguidade no personagem, ao sugerir que o que diferencia os personagens Shun e Esmeralda é a cor do cabelo, especialmente quando Ikki utiliza a expressão “exceto”. É possível subentender que há mais identificações entre Shun e Esmeralda do que diferenciações, mesmo que eles tenham sexo biológicos e gêneros diferentes.

Embora a série narre histórias de luta, a emotividade dos personagens é enfatizada, sugerindo que a vitória de um cavaleiro é sempre conquistada a partir de uma síntese entre sofrimento, força, técnica e inteligência (WAGNER e BONIN, 2008) e caracterizada por elementos que combinam feições delicadas e expressivas com armaduras de representações mitológicas que priorizam elementos femininos, incluindo a cor rosa.

As características ambíguas dos personagens no que se refere à caracterização visual e corporal tornaram-se polêmicas entre o público do anime. O produto parece funcionar, de certo modo, como uma ferramenta que denuncia o declínio das velhas ideologias culturais de gênero e o caráter instável do conceito de identidade, confirmando, como afirma Hall (1992), que o sujeito é composto por várias identidades, contraditórias, instáveis e em permanente transformação.

A obra também permite perceber o que propõe Butler (2015) sobre o gênero como construção cultural, produto de um corpo anatômico no qual se inscrevem significados

culturais e, portanto, passível de sofrer constantemente a influência de representações contemporâneas. A identidade e o gênero são produtos da inconstância e, embora carregadas de referências históricas e culturais, se adaptam continuamente ao meio (LOURO, 2015).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UMA PRIMEIRA ABORDAGEM SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO EM *CAVALEIROS DO ZODÍACO*

O estudo possibilitou considerar a obra como um produto da cultura massiva que se diferencia no modo como concebe alguns personagens. De um lado, apresenta numa narrativa de aventura voltada ao público jovem masculino, popularizada nos anos de 1990, alguns heróis construídos com qualidades associadas ao feminino, que priorizam a sensibilidade e delicadeza em lugar da força. Do outro, apresenta personagens com características de personalidade associadas ao masculino (violência, crueldade, força física), porém com traços físicos feminilizados.

Ao atribuir diferentes nacionalidades aos personagens (os três analisados são da Suécia, Japão e França) e se passar em vários países, com referência nítida à Grécia, o berço da civilização, *Cavaleiros do Zodíaco* nos convoca a pensar nessas diferentes conformações de gênero e identidade não como um fenômeno exclusivamente oriental ou ocidental, mas universal, apresentando-nos outros corpos, distintos das formações discursivas convencionais, e instigando o questionamento sobre outros temas afins, como androginia e bissexualidade.

O anime sugere um tipo de masculinidade em que, para vencer, é necessário mais do que ousadia e força física, mas uma complexa rede subjetiva de valores que incluem a fragilidade e de certo modo a passividade, o diálogo e o equilíbrio emocional, expressos em especial no personagem Shun. Tais valores sugerem o modelo de um homem com qualidades mais associadas ao feminino, que priorizam a afetividade, a solidariedade e a transformação da agressividade em proatividade. Em tempos de radicais transformações das velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, ganham espaço a abertura, a diversidade e o reconhecimento das diferenças como produção cultural, apontando, conforme Hall (1992) para a ausência de unificação do sujeito moderno.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- ECO, Umberto. A inovação no seriado. In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- WAGNER, Irmo, BONIN, Iara. **Educação em animês**: Os Cavaleiros do Zodíaco ensinando sobre masculinidades. 2008. Disponível em:
<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2008/artigos/pedagogia/329.pdf> (Acesso em: 30/11/2015).